

SABERES EM MOVIMENTO:
A AYAPANA, ERVA INDÍGENA DE CIRCULAÇÃO GLOBAL¹

KNOWLEDGE ON THE MOVE:
AYAPANA, AN INDIGENOUS HERB IN GLOBAL CIRCULATION

SABERES EN MOVIMIENTO:
LA AYAPANA, UNA HIERBA INDÍGENA EN CIRCULACIÓN MUNDIAL

Rafael Rogério Nascimento dos Santos²

56

Resumo

Este artigo trata da história de uma erva indígena, a Ayapana, natural do vale amazônico e aclimatada em outras regiões do planeta. A trajetória dessa planta, sua circulação no interior da capitania do Grão-Pará até os círculos científicos europeus no século XVIII e XIX, nos mostra, em grande parte, como ocorreu o processo de apropriação dos saberes indígenas e como foram integrados ao que se considerava, na época, um conhecimento científico, que ao ser posto em trânsito por uma anônima índia acabou tomando rumos globais. O trabalho analisa a história desta planta indígena a partir dos sujeitos que tiveram contato com ela e isso permitiu mostrar como estavam inseridos em um universo de construção e apropriação de saberes locais e de circulação de conhecimentos que, como veremos, deixa em evidência uma ampla rede de contato que faz a ligação entre o império ultramarino português e seus agentes.

Palavras-chave: aiapana, circulação, conhecimento, povos indígenas

Abstract:

This article is about the history of an indigenous herb, the Ayapana herb, native to the Amazon valley and acclimated in other planet regions. The trajectory of this plant, its circulation from within the captaincy of Grão-Pará to European scientific circles in the 18th and 19th centuries, shows us, to a great extent, how the process of indigenous appropriation knowledge occurred and how it was integrated into what was considered, in that time, scientific knowledge, which, when put in transit by an anonymous Indian ended up taking global directions. The work analyzes the indigenous history plant based on the subjects that had contact with it and this allowed to show us how they were inserted in a construction universe and appropriation of local knowledge and circulation of knowledge that, as we will see, shows a wide contact network that links the Portuguese overseas empire and its agents.

Key-words: aiapana, circulation, knowledge, indigenous peoples

Resumen:

¹ Este trabalho faz parte de um dos capítulos da minha tese de doutorado em conclusão. Uma outra versão dele, que tem como foco de análise o trânsito global da aiapana, foi publicada em parceria com os professores Nelson Sanjad e Ermelinda Pataca. Cf: SANJAD, Nelson; PATACA, Ermelinda; SANTOS, Rafael Rogério Nascimento dos. *Knowledge and Circulation of Plants: Unveiling the Participation of Amazonian Indigenous Peoples in the Construction of Eighteenth and Nineteenth Century Botany*. HoST - Journal of History of Science and Technology, vol.15, no.1, pp.11-38, 2021.

² Professor do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa. Doutorando no curso de História da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

Este artículo trata de la historia de una hierba indígena, la ayapana, originaria del valle amazónico y aclimatada en otras regiones del planeta. La trayectoria de esta planta, su circulación dentro de la capitania de Grão-Pará hacia los círculos científicos europeos en los siglos XVIII y XIX, nos muestra, en gran medida, cómo se produjo el proceso de apropiación del conocimiento indígena y cómo se integró en lo que se consideraba, en la época, un conocimiento científico, que, puesto en tránsito por una india anónima acabó tomando direcciones globales. El trabajo analiza la historia de esta planta indígena a partir de los sujetos que tuvieron contacto con ella y esto permitió mostrar cómo se insertaron en un universo de construcción y apropiación de saberes locales y de circulación de conocimientos que, como veremos, muestra una amplia red de contactos que vincula al imperio portugués de ultramar y a sus agentes.

Palavras chave: aiapana, circulação, conhecimento, povos indígenas

INTRODUÇÃO

Atualmente conhecida por aiapana, japana branca, japana roxa, erva de cobra, erva santa, aipana chá (na Inglaterra), e outros, possuindo o nome científico *Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M. King & H. Rob, o basônimo *Eupatorium Ayapana* Vahl. e o sinônimo *Eupatorium Ayapana* Vent., sendo pertencente à família Asteraceae³.

Ela tem sido analisada ao redor do globo em diversas dissertações, teses e estudos em geral que tratam sobre suas propriedades medicinais, químicas etc. Essas análises têm apontado que a planta possui propriedades medicinais como sudorífico, tônico digestivo, combate à insônia, dores de cabeça e garganta, antiofídica, antioxidante, antibacteriana, adstringente, antidisentérico, sedativa, antipirético e uma série de outras utilidades farmacológicas (HADDAD, 2019; MELO, 2012; PAES, 2011). Propriedades diversas as quais fizeram com que no início de sua fama, no final do século XVIII e início do XIX, chegasse a ser tratada como uma panaceia universal, um remédio que curaria quaisquer males.

Apesar da sua notoriedade, tem-se omitido uma questão fundamental no processo de descobrimento, circulação e globalização dessa erva: a participação dos povos indígenas. Embora seja bastante explorada na literatura a história de espécies vegetais nativas da América portuguesa, como a quina (*Cinchona officinalis* L.) ou seringueira (*Hevea brasiliensis* Willd. Ex A. Juss. Müll. Arg.), processo que envolveu, ao longo de séculos, variados agentes, desde os povos originários, missionários, naturalistas, cientistas, autoridades coloniais e militares, há ainda uma infinidade de outras espécies amazônicas cujo processo de apropriação pode ser investigado pensando no papéis exercidos pelos indígenas e seus saberes em uma rede multicultural e transnacional que engendra a globalização de plantas e a ressignificação ocorrida durante esse processo, a partir da tradução/transferência de conhecimentos e da adição de novas camadas de informação. Esse trânsito,

³ O nome científico das plantas é formado por uma combinação binária entre o nome do gênero e o epíteto específico escritos em itálico ou grafados “*Ayapana triplinervis*”, seguidos do nome do autor original de sua descrição “Vahl”, referindo-se ao botânico norueguês Martin Heinrichsen Vahl. Quando existe alguma revisão na literatura que indique a necessidade de mudança no nome da planta, o nome do autor que fez o registro original passa a ficar em parênteses “(Vahl)”, seguido pelos nomes dos autores que realizaram a revisão “R.M. King & H. Rob”. Com relação basônimo “*Eupatorium Ayapana* Vent”, trata-se do primeiro nome dado a espécie, o “Vent.”, como veremos nesse trabalho, é a abreviação do nome do botânico francês e o primeiro a publicar uma descrição da planta seguida de uma imagem, E.P. Ventenat.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

por meio do qual espécimes e conhecimentos fluíram, foi fundamental para o inventário e exploração do mundo natural no século XVIII, marcado pelas dinâmicas coloniais locais, mas também por relações internacionais e globais.

A AYAPANA NO GRÃO-PARÁ

As primeiras notícias sobre a ayapana surgem dentro de uma das mais famosas viagens científicas realizadas no período colonial, a Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, encabeçada pelo filósofo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Realizada durante os anos de 1783 e 1792, esse empreendimento teve como objetivo mapear a natureza amazônica e resultou, conforme Ângela Domingues e Patrícia Melo, em informações sem precedentes sobre o mundo natural e a humanidade daquele território (DOMINGUES, Â; ALVES-MELO, P., 2021).

Nos primeiros anos da viagem, entre 15 de março de 1784 e 20 de abril de 1786, Alexandre R. Ferreira elaborou algumas considerações para o então governador do Estado do Grão-Pará, Martinho de Sousa e Albuquerque, e para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, sobre a cultura de algumas plantas. Ao dar o exemplo daquelas que se encontravam facilmente pelos arredores da cidade de Belém, como o cacau, Ferreira procurou estimular a agricultura, incentivando a cultura de outras espécies como o puxuri [*Licaria puchury-major* (Mart.) Kosterm.] e o cravo fino (*Dicypellium caryophyllaceum*), já que a maior parte delas se desenvolvia bem nos climas e alturas da região e afirmava também que mesmo sem “tantas averiguações estamos vendo propagar-se nos quintais dos curiosos a aiapana, que parece ser uma nova espécie do “*Eupatorium de Linneo*”, classificação botânica proposta pelo naturalista sueco Carl von Linné.

Embora o caso da ayapana tenha sido explorado em recentes trabalhos, pouco se destacou algo de suma importância que envolve toda a história: a participação indígena e os saberes locais que foram necessários para que a erva se tornasse um medicamento reconhecido no velho e novo mundo (RUSSEL-WOOD, 2001; ALMEIDA, 2017).

A história dela começa, para nós, com um romance. É que de acordo com Alexandre Rodrigues Ferreira, a erva foi obtida por meio de uma índia e um cabo de canoa chamado Álvaro Sanches de Brito. Sendo “amásia” do cabo, a indígena – que infelizmente não tem seu nome ou etnia revelados – estava apaixonada e disposta a compartilhar alguns conhecimentos com ele, que por sua vez:

sabendo de uma índia sua apaixonada que naquela terra havia uma planta, cujo suco bebido curava o veneno das cobras, resolveu-se a pedi-la, ao que respondeu a índia que o não podia fazer, porque a matariam os seus parentes logo que soubessem que ela a tinha dado ou ensinado qual era...⁴

Conforme o relato de Ferreira, diante de um possível problema que aquela mulher poderia ter ao compartilhar tais saberes, ela impõe uma condição e negocia: somente entregaria a planta se o cabo de canoa

⁴ Alexandre Rodrigues Ferreira [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

a levasse embora junto com ele, pois poderia ser morta por ensinar aqueles segredos. A questão do compartilhamento, por parte dos povos indígenas, de conhecimentos acerca das virtudes medicinais das ervas do vale amazônico foi algo percebido por cronistas e missionários. O padre João Daniel, por exemplo, nos proporciona alguns excelentes casos sobre como os povos nativos lidavam com o manuseio de seus saberes e os segredos que eram guardados acerca deles. O primeiro exemplo é de um missionário que estando com dificuldades para tratar a saúde de uma enferma “com olhos tão inflamados, sanguíneos e inchados que pareciam estar já para arrebentar” (DANIEL, 2004, p.500) teve a ajuda de um índio que bastou entrar no mato e logo lhe trouxe a raiz de um cipó que foi aplicado nos olhos e após meia hora a debilitada ficou sã.

Daniel o chamou de “cipó das febres” e afirmava a existência de muitos outros desconhecidos porque os “índios são muito sigilistas das suas virtudes” (DANIEL, 2004, p.500). O segundo caso é quando um nativo ajuda um missionário que sofria com “dores da gota” – uma doença inflamatória que acomete as articulações – oferecendo-lhe o leite extraído do chamado “cipó da gota” que logo o curou. Vendo a eficácia daquele remédio, o religioso prometeu recompensas e prêmios para que o indígena lhe ensinasse aquele tratamento, todavia ele não quis compartilhar tais saberes (DANIEL, 2004, 500-501).

Sendo assim, considerando o relato de Ferreira, a índia mesmo ciente dos perigos, resolveu compartilhar aquele saber impondo uma condição que foi aceita pelo cabo de canoa Álvaro Brito, pois “não faltou a palavra, porque meteu na canoa um cesto com terra, onde (a planta) vinha disposta...”⁵. Ao ter aprendido, a partir da indígena, sobre os potenciais poderes curativos da ayapana, levou a planta para o Ouvidor Geral, Matias José Ribeiro, que a distribuiu entre alguns colonos para cultivo e realização de experimentos - entre eles estava o médico chamado Bento Vieira Gomes, um dos primeiros a realizar experiências com a planta - e, posteriormente, encaminhou para Lisboa em caixotes cheios de terra junto com a lista de suas virtudes e com a informação de que a planta parecia estar cultivada nos quintais de alguns moradores.

Ao designar a planta como uma nova espécie do *Eupatorium* de Lineu, Ferreira utilizava uma classificação da História natural e agrupava a ayapana à outras espécies de características morfológicas semelhantes, conforme estabeleceu C. Lineu, em sua obra “*Species Plantarum*” (LINNÉ, 1753, p.902). Nela, havia uma descrição de inúmeras plantas conhecidas em um sistema tripartite: classificação, descrição e nomeação e, na edição de 1753, a nomenclatura binomial foi oficializada pelo autor.

A Ayapana (figura 1) foi desenhada pelo riscador José Joaquim Freire, durante a Viagem Filosófica. Conforme pode ser observado na imagem abaixo, a planta foi desenhada sem suas flores, sendo de fundamental importância destacar essa ausência porque as flores eram essenciais para designar a espécie com mais precisão, tal como Lineu propôs, e é provavelmente por isso que Alexandre R. Ferreira menciona apenas o gênero *Eupatorium*, indicando que o exemplar que chegou às suas mãos não estava florido, tal como a própria imagem já demonstra.

⁵ Alexandre Rodrigues Ferreira [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

O fato de Ferreira ter analisado a erva sem suas flores pode ter diversas razões, como o período de florescimento da planta ou ainda ser fruto de uma escolha de quem entregou o vegetal ao naturalista. Pode ser também, resultado da utilidade que os indígenas do vale amazônico davam à planta, e como não faziam uso da flor, entregaram para Alexandre Rodrigues a parte que consideravam importante.

Figura 1 - FREIRE, José Joaquim. [Eupatorium Ayapana, Vent.]. [S.l.: s.n.], [17--]. 1 desenho, aquarela, col; imagem 31,5 x 18,0cm em f.34,5 x 23,5cm. Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia>. Acesso em: 1 fev. 2020.



PLANTAS E PESSOAS: CONHECIMENTO EM TRÂNSITO

Além do já citado cabo de canoa e da anônima índia, dois outros personagens surgem na narrativa de Ferreira: Matias José Ribeiro e Bento Vieira Gomes. É importante tratarmos um pouco acerca desses dois sujeitos porque o envolvimento deles nesse processo de apropriação dos saberes nativos nos mostra tanto parte da trajetória da erva indígena, quanto uma possível rede de pessoas que estavam interessadas e envolvidas na utilização da flora amazônica. Há nesse processo um trânsito de conhecimentos relacionados às plantas amazônicas que mostra tanto a apropriação e circulação de saberes indígenas, quanto a transformação desses saberes que vai se tornando mais global e sincrético.

Matias J. Ribeiro estava no Pará para servir como Juiz de Fora e provedor da Fazenda Real da cidade de Belém, sendo nomeado pelo rei D. José I em setembro de 1772⁶. Alguns anos mais tarde, em 1780, iria acumular também o cargo de Ouvidor Geral, um dos cargos mais importantes na administração colonial, o

⁶ Decreto do rei D. José I [provendo os bacharéis Francisco José Antonio Damásio e Matias José Ribeiro, em 19 de Setembro de 1772] – Projeto Resgate. AHU, Lisboa, caixa 66, documento 5883.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

principal responsável pela aplicação do ordenamento jurídico na colônia, sendo também em 1782, Intendente geral do comércio, agricultura, manufaturas. Isso quer dizer que estava profundamente inserido na administração, fiscalização e na aplicação da justiça colonial⁷.

Fruto do acúmulo das funções que exerceu, Ribeiro realizava o gerenciamento de questões relacionadas à administração fazendária, fiscalização dos bens e direitos reais, devassas nas vilas, mapeamento acerca das condições das povoações do Diretório dos Índios (VALE, 2015). Durante todo o seu serviço possuiu como uma de suas responsabilidades fiscalizar os produtos naturais – os gêneros diversos (arroz, cacau, sumaúma, algodão, cravo fino, cravo grosso, goma, castanha, farinha, aguardente, café, entre outros) – que chegavam na alfândega de da cidade de Belém e se despachavam para Lisboa.

Estando incumbido de diversas atividades vinculadas ao cotidiano das povoações do Diretório dos Índios, era comum a realização de visitas pessoais às vilas e lugares para averiguação de determinados assuntos, além de conhecer bastante a organização do negócio do sertão e como funcionava a estrutura que a havia entre a coleta realizada pelos indígenas no interior das matas, a recepção pelo cabo de canoa na margem dos rios e, por fim, a chegada e divisão dos gêneros nas povoações sob olhar do diretor dos índios.

Ribeiro tinha contato com diversos sujeitos, como diretores, cabos de canoas e outros agentes coloniais. Esse lugar social exercido por ele poderia ter sido um dos caminhos que fez com que a ayapana chegasse às suas mãos, e depois ter distribuído e recomendado a alguns curiosos, como afirmou Ferreira: “daqui a remeteu para Lisboa, com a relação das suas virtudes, multiplica muito neste Estado, mas ainda ninguém viu flor, já o D.r Ouvidor remeteu para Lisboa uns caixotes cheios de terra em que ela ia disposta”⁸. Devido a essas atividades, ele pode ter entrado em contato com o próprio Álvaro Brito, ou ainda, este último, por saber que estava de posse de uma planta que poderia ser de grande utilidade/curiosidade, procurou o agente administrativo colonial mais próximo do seu núcleo social.

Matias José Ribeiro também foi correspondente do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Durante parte da viagem filosófica o ouvidor geral e o naturalista trocaram cartas sobre alguns assuntos. Em uma delas, datada de 19 de setembro de 1784, Ferreira tinha acabado de deixar Belém em direção à Barcelos, e agradece ao governador Martinho de Sousa e Albuquerque e Matias Ribeiro pelo tratamento que recebeu durante o tempo que permaneceu em Belém⁹.

Uma das questões importante aqui é que além de uma política metropolitana voltada para a exploração e conhecimento do mundo natural, que também possuía fins econômicos, considero que a presença do

⁷ Decreto da rainha D. Maria I [nomeando o bacharel Matias José Ribeiro, em 03 de novembro de 1780] – Projeto Resgate. AHU, Lisboa, caixa 86, documento 7066. Ver também: Ordenações Filipinas – Livro I, Título 59. Dos ouvidores, que por El-Rei são postos em alguns lugares. ALMEIDA, Cândido Mendes(org). *Código Philipino ou ordenações e leis do reino de Portugal. 14^{ed.} Typographia do Instituto Philomathico*, Rio de Janeiro, 1870.

⁸ Alexandre Rodrigues Ferreira [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

⁹ Alexandre Rodrigues Ferreira. Agradecimento público a Martinho de Sousa e Albuquerque, governador e capitão general da capitania do Grão-Pará e Rio Negro, em 19 de setembro de 1784. Pará ACP, DL 195,07.01, 624. Cópia: ANTT, Projeto Reencontro, microfilme 120.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

naturalista acaba por estimular determinadas práticas relacionadas a história natural, seja por questões de relações pessoais, seja por motivos vinculados a própria curiosidade “científica” ou ainda para ganhar benesses diante da coroa¹⁰.

Um outro documento interessante que aponta a relação do ouvidor-geral com esse universo pode ser encontrado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Sem data, mas com a letra de Matias José Ribeiro. Trata-se da receita de uma Tisana:

Seis oitavas de sene¹¹ bem limpo de pauzinhos, quatro oitavas de cristal mineral, onze e meia de alcaçuz, cinco molinhos de grama, doze ameixas secas, seis peras secas, uma mão e meia de passas de uvas, Duas oitavas de creme tártaro. Todas as sobreditas drogas se baterão em uma panela vidrada com canada e meia da medida do Reino de água fria e se conservarão em infusão por tempo de 24 horas (...) Esta Tisana tira febres que não são malinas... limpa os humores do estomago e da barriga. Ela se deve tomar de pé... não se beber vinho aguardente de licores nos dias de seu uso e quando se tomar sem maior necessidade, o melhor tempo é depois da minguante da lua, pode-se fazer uso desta Tisana com toda qualquer qualidade de moléstia porque coando nela ... nunca pode fazer mal, é boa para curar flatos e ânsias internas e na continuação de seu uso todos os meses dissipará qualquer moléstia em dias...¹²

A Tisana, como se pode constatar pela receita, é uma forma de tratamento de determinadas moléstias feitas a partir da infusão de distintos vegetais, a própria aiapana vai ser utilizada como ingrediente anos mais tarde em outro receituário. Faço dois apontamentos aqui. O primeiro é o aparente interesse fitoterápico do ouvidor Matias José Ribeiro com a prospecção de medicamentos, receitas médicas feitas a partir de plantas ou vegetais, comum para o período – já que grande parte dos remédios produzidos e utilizados possuía como origem espécimes do reino vegetal – e se relacionarmos a lida com algumas epidemias ocorridas no Pará, isso aumenta as razões da erva ter chegado a ele (lembremos que conforme o relato de Alexandre Rodrigues Ferreira, é também o ouvidor que faz a distribuição da erva entre os moradores de Belém), e ampliam os possíveis motivos que levaram o cabo de canoa, Álvaro Sanches de Brito, a procurá-lo. Desse modo, o caminho da aiapana pode ter cruzado com o do ouvidor geral tanto pelas atividades que exercia quanto pelo seu interesse fitoterápico.

O segundo caminho que nos serve para mapear a trajetória da aiapana no interior da capitania do Grão-Pará, envolve outro personagem citado por Ferreira: “Tem-se experimentado ser o mais forte antídoto, contra

¹⁰ Assim fez Luiz Pereira da Cunha, principal correspondente, receptor e intermediário - entre Alexandre Ferreira e Lisboa. Por meio dessas remessas e sua relação com Júlio Matiazzi, Luiz Pereira da Cunha tentou se tornar Tesoureiro Geral dos Índios. Cf: Luís Pereira da Cunha [Ofício para Júlio Matiazzi em 20 de janeiro de 1787] – Projeto Resgate. AHU, Pará, caixa 96, documento 7620; Ver também: Luís Pereira da Cunha [Ofício para Júlio Matiazzi em 04 de novembro de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará, caixa 96, documento 7599.

¹¹ A sene, *Senna alexandrina*, é uma planta medicinal da família *Fabaceae*, comum em receitas médicas do século XVIII e XIX, foi utilizada para tratar febre, problemas digestivos e até para cura de distúrbios mentais, entre outros. Cf: *Polyanthea medicinal – Noticias Galenicis, e Chymicas*, Repartidas em três tratados, dedicadas ao excellentissimo senhor, D. Miguel Angelo. Lisboa: Oficina de Antônio Pedroso Galram, 1704.

¹² Matias José Ribeiro. Receita de uma tisana . ANTT-Papéis do Brasil, Avulsos, Dimensão e suporte: 1 doc. (1 f.), maço 3, documento 4, sem data.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

o veneno das cobras, e o primeiro que fez a experiência, dizem ter sido o médico Bento Vieira Gomes”¹³. Formado na faculdade de Medicina pela Universidade de Coimbra, Gomes atuou como Físico-Mor e médico no Grão Pará na segunda metade do século XVIII¹⁴. Não sabemos se Alexandre Rodrigues Ferreira e o médico se encontraram pessoalmente, mas, certamente, os caminhos de Bento V. Gomes e do ouvidor geral, Matias Ribeiro, se cruzaram em 19 de novembro de 1772, quando Ribeiro o encontrou “curando de medicina em toda esta cidade e assistindo aos doentes no hospital militar tanto soldados como povoadores das Vilas de Mazagão, Vila Vistosa e Macapá...”¹⁵.

Nesse momento, além da função de médico, é importante olharmos para o papel de físico-mor a qual Bento Gomes passou a exercer oficialmente em 1783. De acordo com o “*Regimento que devem observar os comissários delegados do Físico mor do Reino no Estado do Brasil*”¹⁶, documento datado de 16 de maio de 1744 que possuía como finalidade “regular em os Estados da América, assim os comissários do Físico-mor, como também seus oficiais...”¹⁷, uma das funções dos delegados do físico-mor era a verificação dos remédios na botica que existissem na sua comissão. O cargo só poderia ser exercido por um médico formado na faculdade de Coimbra e:

examinarão se os medicamentos são feitos com a perfeição e bondade que manda a arte farmacêutica, e se neles existe ainda aquele vigor e eficácia que possa produzir o efeito para que foram compostos, e verão todos os simples, e compostos nas boticas que houver, sem exceção alguma¹⁸.

O parágrafo terceiro do regimento é importante para estabelecermos sua relação com a aiapana, pois trata justamente do papel do físico-mor de fiscalizar a produção de medicamentos. Alexandre Rodrigues Ferreira informou que Bento Vieira Gomes foi um dos primeiros sujeitos a examinar a erva. Como sujeito responsável de verificar a qualidade dos medicamentos, de gerir a saúde da população local e ainda fiscalizar outros agentes de cura, a exploração de possíveis tratamentos para as doenças através de plantas nativas com ações terapêuticas pode ter envolvido os testes com a erva saída do sertão por meio da anônima índia e do cabo de canoa Álvaro Brito. A aiapana surge nesse contexto como um remédio que podia ser incorporado à farmacopeia portuguesa.

¹³ Alexandre Rodrigues Ferreira, [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

¹⁴ Bento Vieira Gomes se formou bacharel na faculdade de Medicina pela Universidade de Coimbra e atuou como Físico-mor e Bacharel no Estado do Grão Pará no final do século XVIII. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério do Reino, mç. 685, proc. 4; Bento Vieira Gomes [Requerimento do físico-mor e bacharel do Estado do Pará para a Rainha D. Maria I, em 02 de maio de 1798]. Biblioteca Nacional do Brasil, mf. 123. Martinho de Melo e Castro [Ofício para o governador do Estado do Grão Pará e Maranhão, Martinho de Sousa e Albuquerque]. Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 90, documento 7320.

¹⁵ Bento Vieira Gomes, [Requerimento para a rainha D. Maria I em 15 de outubro de 1777] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 78, documento 6469.

¹⁶ *Regimento que serve de lei, que devem observar os comissários delegados do Físico mor do Reino no Estado do Brasil*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Códice 314. Ministério do Império, Lisboa, 1744, p.5.

¹⁷ Idem, p.5.

¹⁸ Idem, p.6.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

A utilização de ervas naturais para o tratamento de doenças era bastante comum na região. Missionários, colonos, agentes administrativos e vários outros sujeitos que transitaram pelo vale amazônico notaram isso e inclusive contavam com tais plantas para gerir determinadas crises de saúde. Os jesuítas, por exemplo, utilizando de pressupostos da filosofia e prática médica europeia, aliado à terapêutica indígena com a utilização da flora nativa “foram os reais iniciadores do exercício de uma medicina híbrida que se tornou marca do Brasil colonial... a maioria aprendeu na prática diária as funções que deveriam ser atribuídas a um físico, cirurgião... boticário.” (GURGEL, 2005, p. 113; CALAINHO, 2005).

Um documento interessante que leva a assinatura de Bento V. Gomes é “Remédios que vão na botica do sr. dr. Ouvidor geral”¹⁹. Nela são enumerados e descritos 34 medicamentos, assim como suas utilidades para tratar distintas doenças. A maior parte dos remédios listados são comuns em receitas de medicamentos nas farmacopeias portuguesas. O documento intitulado “*Pharmacopeia Lusitana Reformada, método prático de preparar os medicamentos na forma galênica e química [...] por D. Caetano de Santo Antonio...*”²⁰ publicada em 1704, depois com edições em 1711, 1725 e 1754, já apresenta boa parte desses medicamentos e prescrições. O interessante a notar neles é que são oriundos de plantas nativas de outras regiões como a jalapa, natural do México, há ainda algumas que estão presentes em tratados médicos franceses, o que demonstra uma certa circularidade global desses conhecimentos e de itens que compunham a flora dessas localidades.

Isso evidentemente está vinculado à introdução de plantas e animais em ecossistemas diferentes dos de origem. Warren Dean argumenta que no século XVIII o processo de intercâmbio de espécies tropicais é intensificado, principalmente por meio da criação de herbários e dos jardins coloniais. Com os resultados dessas experiências no trato das espécies nativas e exóticas “A possibilidade de gerir informações a respeito das novas plantas para assim acompanhar as transferências com técnicas culturais provadas aumentou consideravelmente” (WARREN, 1991, p.6).

Tanto a “receita de uma tisana...”, escrita pelo ouvidor geral Matias Ribeiro, quanto a lista de “remédios que vão na botica do sr. Dr ouvidor geral”, assinada pelo médico e físico mor Bento Gomes, são documentos que mostram parte da trajetória desses sujeitos e suas relações com a utilização e reconhecimento do mundo natural para determinados fins, ampliando os motivos da ayapana ter chegado às suas mãos, afinal ela é apresentada a eles devido os usos que os índios faziam dela.

Saliento ainda que para se compreender a construção e circulação de conhecimentos envolvendo a ayapana considere necessário seguir o movimento dos atores que se envolveram com ela no espaço amazônico. Analisar parte da trajetória desses sujeitos me permite mostrar como estavam inseridos em um universo de construção e apropriação de saberes locais e de circulação de conhecimentos que, como veremos mais adiante, deixa em evidência uma ampla rede de contato que faz a ligação entre o império ultramarino português e seus

¹⁹ *Remédios que vão na botica do sr dr. Ouvidor geral*. ANTT- Papéis do Brasil, Maço 3, Doc.3

²⁰ *Pharmacopeia Lusitana Reformada, método prático de preparar os medicamentos na forma galênica e química [...] por D. Caetano de Santo Antônio, cônego regular de Santo Agostinho, Bboticário do real mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa*. 2ª edição. ANTT – Manuscritos da livraria, n. 313.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

agentes. A anônima índia, o cabo de canoa, o ouvidor geral, o físico-mor e o naturalista constituíram parte inicial dessa rede que nos permite visualizar conhecimentos em trânsito, e isso é possível porque esses sujeitos acionaram e mobilizaram saberes que, por sua vez, engendrou um dos processos de circulação global da erva (SECORD, 2004).

A segunda parte do artigo trata de analisar a aiapana em um trânsito global, contudo, antes disso é importante uma breve abordagem sobre a ideia de circulação do conhecimento que tenho utilizado. Pensar na circulação de saberes não significa apenas pensar que ele se move ou transita, muito menos que ele faz parte de um ciclo com início e fim determinados, que seja unidirecional ou até mesmo que não possa se perder durante os variados trajetos que toma. Kapil Raj aponta que a circulação do conhecimento implica em transformação e que ele significa um fluxo aberto com possibilidades de reconfiguração nas idas e vindas em que se movimenta, fato que ocorreu com os saberes sobre a aiapana, na colônia e nas metrópoles.

Um dos pontos chave do conceito de circulação adotado por Raj – e que considero fundamental aqui – é que ao analisar a circulação do conhecimento enquanto algo dinâmico o autor põe em evidência a agência de todos os sujeitos envolvidos no processo interativo de construção de saberes e, no caso aqui analisado, os povos indígenas são mais do que meros informantes, são detentores de um conhecimento medicinal da flora amazônica. Conforme Raj:

Com efeito, um olhar mais atento mostra que, longe de serem meros informantes passivos, os indígenas têm papéis variados, desde faquires como depositários de conhecimentos de ervas e medicamentos, a colecionadores, ilustradores, tradutores, encadernadores e mediadores (RAJ, 2013, 344).

Kapil Raj evidentemente, trata de um contexto diferente do que analiso nesse artigo, contudo, o argumento central utilizado é oportuno para pensar a circulação de saberes envolvendo a aiapana. Em “*Circulation and the emergence of modern mapping: Great Britain and early colonial India, 1764-1820*”, a partir da compreensão da transformação da concepção sobre a história das ciências, que passa a entender as práticas, sejam materiais ou cognitivas como constituintes da ciência moderna, um dos pontos analisados por Raj é que o reconhecimento geográfico da Índia, por parte da Inglaterra, em muito deveu às redes locais já existentes antes mesmo da chegada dos ingleses (RAJ, 2007).

Após 1757, quando se intensificou a necessidade de reconhecimento geográfico do interior da Índia principalmente por ter que defender as fronteiras das posses recém conquistadas, construir estradas que permitissem um comércio mais fluído, assim como mapear os rios que servissem a este propósito, entre outros motivos, a Inglaterra não possuía um número de pessoas razoável para dar conta desse empreendimento, e sequer estavam aptas a realizá-lo, utilizaram, portanto, das pessoas, redes, saberes e técnicas das comunidades locais, apropriaram-se disso. Cordas, grãos, elementos do corpo humano, astrolábios produzidos no sul da Ásia por hindus e mulçumanos, instrumentos de medida edificados pela arte de pedreiro, que ainda hoje se podem ver em Jaipur, Delhi e Ujjain, testemunhos da circulação científica e técnica entre Ásia central e o sul da Ásia”,

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

foram componentes de uma rede sociotécnica envolvendo a circulação de conhecimento, objetos e práticas (RAJ, 2007).

No vale amazônico houve processo semelhante. Quer dizer, Raj aborda uma elite letrada indiana, cujo organização se distingue dos povos indígenas na Amazônia portuguesa em sua estrutura, mas não em sua complexidade. O contexto explorado aqui nesse trabalho e pela historiografia em geral, da conta de mostrar que por meio do Diretório dos Índios, ocorreu todo um processo de transformação e controle do espaço e vida na região, e tal como os ingleses na Índia, os portugueses na Amazônia precisaram e utilizaram das redes já estabelecidas pelos povos que aqui viviam, das suas técnicas e conhecimentos.

Se por um lado os povos originários da Amazônia portuguesa, na segunda metade do século XVIII, não construíram astrolábios, mapas, anuários, por outro – e isso é bastante destacado no registro de viajantes que estiveram aqui no setecentos – formaram redes de contato elaboradas que se estendiam a quilômetros de distância; quando eram solicitados desenhavam mapas precisos de determinada região, identificando por meio de nós em cordas até as vilas e lugares que faziam parte da área informada. E claro, dominavam todo um saber sobre a fauna e flora local, não à toa eram considerados por Domingos Vandelli os “melhores mestres” que poderiam ensinar aos portugueses as virtudes das plantas amazônicas²¹.

Dessa forma, pensar a circulação como método de análise, reforça a ideia dos povos indígenas e seus saberes como agentes ativos na produção do conhecimento no século XVIII. A partir dos potenciais poderes da aiapana, apresentados pela indígena, foram feitos experimentos ao longo de dois anos onde foi possível perceber (e confirmar alguns) os préstimos que ela tinha, alguns dos quais a indígena enamorada do cabo de canoa Álvaro Sanches tinha informado, por exemplo, como o de ser um dos melhores antídotos contraveneno de cobra.

Em uma relação de 25 de dezembro de 1784, Alexandre Rodrigues Ferreira aponta que os experimentos com a erva deram resultados positivos contra mordidas de insetos venenosos, picadas de araias, veneno de cobra, destacando que:

o maior progresso é o que ela faz entre os índios gentios, a quem serve de infalível remédio às picadas das flechas venenosas, como o veneno – Erva dura – que recebem dos seus contrários na guerra, usam dela seca nestas ocasiões mastigam e engolem...²²

Alexandre R. Ferreira citando que uma “gentia” tinha descoberto os préstimos da planta, destaca o uso que os indígenas faziam da aiapana, e que foram realizados testes com um carneiro que foi mordido por uma cobra jararaca. Mesmo em um estado crítico, estava lançando sangue pela boca, olhos, narizes e ouvidos, ao procurarem a localização da mordida “que se achou no queixo superior se aplicou verde a referida aiapana

²¹ Domingos Vandelli. Viagens filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar. Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, série Vermelha, Ms 405.

²² Alexandre Rodrigues Ferreira [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

pisada, lançando-lhe o suco e parte dela pela boca em cima da mesma dentada...”²³ logo após vinte e cinco minutos o carneiro começou a se recuperar e após meia hora ficou reestabelecido. Também foi distribuída para alguns escravos por “um curioso” como remédio para cólica. Além da questão desses testes, e que, portanto, mostra todo um saber em construção naquele momento, toda a rede engendrada para o conhecimento e exploração do potencial da aiapana foi, inicialmente, movido por saberes indígenas, um saber agregado a partir dos saberes nativos que ao transitar, ao se mover, circular, vai ganhando novas dimensões.

Esses experimentos, ações para “testar” os poderes médicos da aiapana feita em espaços a “céu aberto” me leva a pensar na ideia “laboratórios ao ar livre”, conceito utilizado por Myrian Sá Leitão-Barbosa e colegas para tratar os jardins domésticos amazônicos contemporâneos como locais de “experimentação, colaboração e negociação” (LEITÃO-BARBOZA, 2021, p.8), remetendo também ao trato que os nativos da região deram ao manuseio de diversas plantas ao longo do tempo.

Por meio de pesquisas etnobotânicas e arqueológicas – utilizando também um aporte metodológico da História das Ciências que realiza uma inflexão na ideia de laboratório enquanto espaço fechado, esterilizado, para compreendê-lo enquanto espaço de experimentação que envolve autores múltiplos. Embora o Myrian Sá e colegas tenham como foco central estudos de caso contemporâneos, o raciocínio implementado acerca da ideia de “laboratório ao ar livre” é importante, principalmente se aliarmos à ideia de ciência enquanto produto resultante de práticas, ações, técnicas, conhecimentos implementados por variados sujeitos, não somente sujeitos letrados. O “laboratório ao ar livre” acaba por designar como o conhecimento ao “circular” vai se transformando, reconfigurando a partir do cotidiano das pessoas, e com a aiapana é possível acompanhar isso.

Depois da menção feita pelo naturalista na década de 1780, sobre a indígena responsável por entregar a erva ao ouvidor geral, não há indicativos dos saberes nativos, eles vão se tornando cada vez mais globais e omitindo a participação dos índios na descoberta das virtudes da erva. Como veremos na próxima seção, o circuito internacional da aiapana vai eleger outros sujeitos como responsáveis pela descoberta da planta. Essa omissão da participação indígena, dos saberes locais é um fenômeno bem trabalhado pela historiografia, embora nem sempre seja possível acompanhar com a mesma riqueza de detalhes que a aiapana nos oferece (BEER, 1996; BRAVO, 1996).

Depois dos testes feitos na capitania do Grão-Pará, praticamente dez anos mais tarde, a aiapana surge novamente na documentação. Dessa vez ela aparece numa lista assinada por Domenico Vandelli. Pode-se dizer que Vandelli era o grande nome que encabeçava o projeto de História Natural das colônias, era correspondente de Lineu, inclusive chegando a presentear-lo com sementes de plantas oriundas do Brasil, participou da reforma educacional promovida pelo Marques de Pombal, chefiou as expedições filosóficas por todo o império lusitano, incluindo, é claro, as de Alexandre Rodrigues Ferreira.

²³ Alexandre Rodrigues Ferreira [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

Em 12 de setembro de 1795, um documento intitulado “Relação das plantas, que se devem remeter vivas da capitania do Pará, para o Real Jardim Botânico: vindo dispostas em caixões cheios da mesma terra nativa, donde se tirarem e havendo no mar o cuidado de as abrigar do frio, no tempo de inverno e de as regar no tempo do verão”²⁴ contém listada cerca de 97 espécies encontradas na região. A lista feita por Vandelli nos aponta diversas questões interessantes, que começam desde o título, acerca do acondicionamento e transporte das plantas, no qual recomenda-se que sejam transportadas na terra de onde foram coletadas, até a preocupação com o clima que iriam enfrentar durante a viagem. Ermelinda Pataca aponta que certas embarcações eram como “laboratório flutuantes”, e algumas delas chegaram a ser adaptadas para o transporte de espécies de animais e vegetais pelos oceanos (PATACA, 2006).

O importante a destacar agora é que ao lado de outras plantas nativas, Vandelli solicita que sejam enviados pelo menos três pés da ayapana, o que resulta em duas questões: a primeira é a probabilidade de que a elaboração da lista tenha sido feita por Alexandre Rodrigues Ferreira, autor da correspondência inicial que tratamos desse capítulo, que já se encontrava em Lisboa e tinha conhecimento da planta e suas funcionalidades (SANJAD, PATACA, SANTOS, 2021). Ele também detinha o conhecimento sobre essas diversas plantas da região amazônica, algumas medicinais, outras alimentícias, aromáticas, em grande parte desconhecidas dos europeus. A lista também destaca as plantas cultivadas e silvestres, algumas oriundas do Rio Negro e Marajó, lugares os quais fizeram parte da viagem filosófica.

O segundo ponto é o número de exemplares solicitados que pode estar associado tanto aos possíveis testes que serviriam para legitimar os saberes construídos na colônia, apropriando-se então dos conhecimentos nativos e a própria transplantação da espécie. Após a relação chegar na capitania do Pará, Francisco de Souza Coutinho encaminha a ordem para o Tesoureiro Geral do Comércio dos Índios, João Amaral Coutinho, que “aplicará toda a diligência para aprontar vivas, e com a brevidade e economia precisa, (...) à custa da Real Fazenda, todas as plantas pedidas na Relação junta...”²⁵.

A ordem para se conseguir as plantas solicitadas na relação chega para Amaral Coutinho, que exercia a função desde 1789²⁶, porque era responsabilidade dele fiscalizar as cargas que chegavam das expedições ao sertão, a produção das povoações dos índios, e o pagamento dos dízimos à Fazenda real, ao cabo de canoa, aos

²⁴ Relação das plantas, que se devem remeter vivas da capitania do Pará, para o Real Jardim Botânico: vindo dispostas em caixões cheios da mesma terra nativa, donde se tirarem e havendo no mar o cuidado de as abrigar do frio, no tempo de inverno e de as regar no tempo do verão. Livro de Registro de ordens régias, instruções, provisões e avisos para o Pará e Rio Negro, da Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, [1790-1799]. AHU, CU. Ordens e avisos para o Pará e Rio Negro, Códice 588, p.103-106. Nelson Sanjad encontrou, e gentilmente cedeu, o recebimento dessa ordem e a lista copiada das plantas que se encontra no Arquivo Público do Pará. Ver: Relação das plantas que se devem remeter vivas da Capitania do Pará para o Real Jardim Botânico, 12 de setembro de 1795. Pará, APEP, código 471, documento 11.

²⁵ Relação das plantas que se devem remeter vivas da Capitania do Pará para o Real Jardim Botânico, 12 de setembro de 1795. Pará, APEP, código 471, documento 11.

²⁶ João Amaral Coutinho [Requerimento para a Rainha D. Maria I, em 28 de abril de 1792] – Projeto Resgate – AHU, Pará (avulsos), documento 102, caixa 8053.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

diretores e aos próprios indígenas²⁷. O Tesoureiro geral dos índios, portanto, possuía um círculo social que envolvia os cabos de canoa, diretores e índios, sujeitos centrais nas expedições de coleta aos sertões. Na tentativa de atender ao pedido de Vandelli, a lista pode ter sido copiada e distribuída aos diretores das vilas por toda a capitania e transformada em ordem para os indígenas buscarem as espécies, a aiapana, porém, se contarmos com o relato inicial de Rodrigues, quando ainda estava no Pará e descreveu o vegetal, poderia ser encontrada facilmente por Belém e arredores.

A rede, que entrelaça esses sujeitos e composta por no mínimo, a desconhecida índia, o cabo de canoa Alvares Brito, o ouvidor Geral Matias José Ribeiro, o físico mor Bento Vieira Gomes, o naturalista Alexandre Ferreira Rodrigues, o governador do Estado, Martinho de Sousa, até chegar ao secretário do ultramar, Rodrigo de Souza Coutinho, entrelaçando também o próprio Domingos Vandelli, foi envolvida por conhecimento indígena sobre o mundo natural. Mas como a própria documentação aponta, a erva, então indígena, passa a ser conhecida majoritariamente como a “Erva do Ouvidor”, o responsável por repassar a muda das plantas para alguns moradores em Belém: “uns a chamam de erva Milagrosa, outros Contra erva, e obsequiosamente todos a Erva do Ouvidor”²⁸.

Parte do percurso da Ayapana na capitania do Pará até Lisboa



²⁷ DIRECTÓRIO, que se deve observar nas povoações dos índios do Pará, e Maranhão enquanto Sua Majestade não mandar o contrário. - Lisboa : na Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca, 1758. - 41 p. ; 2º (29 cm)

²⁸ Alexandre Rodrigues Ferreira [Representação para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, Martinho de Sousa e Albuquerque e para o secretário de estado da marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro em 20 de abril de 1786] – Projeto Resgate. AHU, Pará (avulsos), caixa 95, documento 7559.

TRÂNSITOS INTERNACIONAIS DA PLANTA NATIVA DA AMAZÔNIA PORTUGUESA

Embora uma das primeiras representações que temos da erva (retratada sem flores – figura 1) tenha sido realizada na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, em idos da década de 1780, ela não foi publicada. Somente no início do século XIX que ela passa a ficar largamente conhecida devido a algumas publicações em jornais científicos franceses e ingleses.

A questão da prioridade científica já estava estabelecida nesse período e algumas instruções publicadas na época já tratavam disso. Por exemplo, Domingos Vandelli na obra “Viagens filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar”²⁹ estabelecia que ao achar alguma planta deve-se logo recolher e nomear utilizando a classificação taxonômica proposta por Lineu. João Carlos Brigola ao tratar disto observa que:

quando por impossibilidade logística ou por negligência o naturalista não cumprir esta essencial regra, outros – mais tarde, e noutros países mais atentos às normas do procedimento científico – poderão invocar a prioridade de nomenclatura da nova espécie e registrar a sua indisputável autoria em publicações especializadas (BRIGOLA, 2019, p.205).

Foi o que percebeu Dom Rodrigo quando soube de uma descrição da aiapana feita pelos franceses e por isso reclamou de Alexandre Rodrigues Ferreira e sua suposta negligência. As notícias sobre a aiapana começam a circular internacionalmente quando alguns jornais reproduziram as falas proferidas por Étienne-Pierre Ventenat (1757-1808) – botânico, professor, bibliotecário e administrador dos jardins do castelo de Malmaison³⁰ (então propriedade de Joséphine de Beauharnais, esposa de Napoleão Bonaparte) fez uma conferência no Institut National de France sobre a aiapana. Nessa aula, de maneira geral, há uma descrição da planta informando que ela cresce na América do Sul, na margem direita do rio Amazonas e que o responsável por trazer a planta para o Jardim Botânico de Île-de-France (Ilhas Maurício) – um importante centro de aclimação – foi o capitão Augustin Baudin em 1798.

Dois jornais se destacam nas informações circuladas sobre a aiapana. Um é francês chamado “*La década – Philosophique, Litterarie et Politique*”³¹ e outro é o inglês intitulado “*The Philosophical Magazine*.”³². No capítulo LXIII do jornal impresso em Londres “*The Philosophical Magazine*”, a matéria

²⁹ Domingos Vandelli. Viagens filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar. Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, série Vermelha, Ms 405.

³⁰ O castelo de Malmaison foi residência de Napoleão Bonaparte e sua primeira esposa Joséphine de Beauharnais a partir de 1798 e onde ela permaneceu após a separação do casal. Conhecida também como madame Bonaparte, Joséphine com auxílio de É. Pierre Ventenat, remodelou os jardins do castelo e agrupou plantas de diversos lugares do mundo. Na dedicatória de sua obra. VENTENAT, Étienne-Pierre. *Jardin de la Malmaison*. Paris: De l’Imprimerie Crapellet, 1803. Disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/139922#page/23/mode/1up>, acesso em 01 de junho de 2020 p. 3, 1803.

³¹ La Décade. Philosophique, Littéraire et Politique, 1801. An XI de la République Française, 1º Trimestre, 30 vendémiaire. pp.135-137. Disponível em: In: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb327543836/date>. Acesso em 05 de julho de 2020.

³² Observations respecting the Aya-pana. Read in the class of the Physical Sciences of the French National Institute on the 14h of Fructidor, Year 10. *The philosophical magazine*, ser.1 v.13-14 1802. Disponível em:

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

intitulada: “*Observations respecting the Aya-pana. Read in the class of the Physical Sciences of the French National Institute on the 14h of Fructidor, Year 10. By C. Ventenat*”³³ apresenta uma das descrições mais completas sobre a erva e o responsável por isso foi justamente Ventenat.

O texto começa tratando acerca de vários jornais relatando os benefícios da aiapana, originalmente nativa do Brasil, e que pretende mostrar um relato mais completo do vegetal. Sendo considerada por ele uma das mais raras plantas presentes no jardim da *Île de France*, servindo como antídoto de mordida de serpentes e feridas feitas por flechas envenenadas, “Suas virtudes são igualmente exaltadas por todo o Brasil, onde é cuidadosamente cultivado, e onde se distingue pelo nome de “*planta milagrosa*”³⁴.

Apesar das descrições serem quase as mesmas relatadas por Alexandre Rodrigues Ferreira (quase 20 anos antes) inclusive no nome “erva milagrosa”, até o momento não obtive indícios de que haja alguma relação mais direta entre as remessas. Pois conforme o relato de Ventenat, uma das remessas obtidas pela França foram devido aos esforços do capitão Augustine Baudin que em viagem pelo Brasil, no final do século XVIII, furtou um exemplar da erva (ALPHONE, 2011).

Cartas da época contam que Baudin teria recebido a aiapana de Inácio Ferreira da Câmara Bittencourt, médico, botânico e diretor do Jardim Botânico da Bahia. Não obstante, Ventenat afirma que após perder seus exemplares da erva, Baudin lembrou que tinha visto ela plantada em um vaso, na janela de um morador e então elaborou um plano (exitoso) para roubar de um indivíduo no Rio de Janeiro, outros apontam que foi de um hospital.

O ato foi engrandecido por Ventenat, pois, graças a Baudin, a aclimação e a reprodução da planta foram feitas com sucesso no Jardim Real de Pamplemousses. Ao chegar à colônia francesa, *Ille of France* e de Bourbon (atual Reunião), entregou ao diretor do Jardim e logo a planta se multiplicou, sendo cultivada por toda a ilha. O autor continua informando que diariamente um jornal divulga novas provas das virtudes da erva, a qual funcionava não somente contra mordidas de cobras, mas também curava hidropisia, sífilis em seus diversos estágios e todos os tipos de feridas³⁵.

Ventenat relata com detalhes diversos casos de pessoas picadas por animais ou acometidas por doenças que foram curadas pela aiapana, todos divulgados nos jornais locais e por meio de cartas endereçadas a autoridades coloniais e naturalistas de Paris. Remessas de sementes e mudas foram feitas para a capital, incluindo para Joséphine de Beauharnais, que as recebeu diretamente do intendente de Pamplemousses, Jean-Nicolas Céré (1738-1810), e as introduziu nos jardins de seu castelo, aos cuidados de Ventenat.

<https://catalog.hathitrust.org/Record/000505373>, acesso em 06 de julho de 2020. A publicação da revista é de 1802, entretanto, o texto sobre a aiapana, como mostra no próprio título, é de 1801.

³³ Idem, p. 376-380.

³⁴ Observations respecting the Aya-pana. Read in the class of the Physical Sciences of the French National Institute on the 14h of Fructidor, Year 10. *The philosophical magazine*. ser.1 v.13-14 1802, p. 376-380. ser.1, v.13-14, 1802, p. 376. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/000505373>, acesso em 06 de julho de 2020.

³⁵ Observations respecting the Aya-pana. Read in the class of the Physical Sciences of the French National Institute on the 14h of Fructidor, Year 10. *The philosophical magazine*. ser.1 v.13-14 1802, p. 376-380. ser.1, v.13-14, 1802, p. 376, p. 377.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

Ainda em 12 de dezembro de 1801, uma carta presente no Museu de Nacional de História Natural, em Paris, enviada de August Baudin para Antoine Jussieu – médico e botânico francês – intitulada “*Ayapana, Plante du Para, trouvée sur la rive droite du fleuve des Amazonas*” (ALPHONSE, 2011), apresenta algumas das virtudes da erva para o então diretor do museu, e informa que teria conseguido essa remessa com o “Dr.Câmara”.

A ayapana novamente aparece descrita em 1802 em uma revista intitulada “*La Décade - Philosophique, Littéraire et Politique...*”³⁶. A matéria é praticamente um resumo da descrição feita por Ventenat no ano anterior, destacando o fato de que ainda não havia descrição alguma publicada, além daquela dada por Ventenat:

A informação mostra que a aiapana era considerada pelos habitantes do país como um excelente sudorífico e um poderoso *alexifarmarque*, isto é, um poderoso antídoto, uma substância capaz de neutralizar propriedades tóxicas de venenos. Curioso notar também que não foi sempre que as virtudes da ayapana foram confirmadas. Isso porque, como afirma Alphone Marodon (2011, p.20), a fama da aiapana estava assegurada, contudo, o uso excessivo dela e nem sempre com resultados positivos, fez com que a reputação da planta, em alguns momentos, fosse manchada³⁷.

As notícias sobre o vegetal da Amazônia portuguesa já ganhavam o mundo, em 1803, Etienne-Pierre Ventenat apresenta na obra “*Jardin de La Malmaison*”, uma figura da erva junto com descrições botânicas mais detalhadas³⁸. Essa imagem vai ser a primeira figura publicada da aiapana, e ao contrário da produzida na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, aparece totalmente florida, fator essencial para a descrição do vegetal. Ventenat foi o primeiro a de fato *publicar* uma ilustração da aiapana (Figura 2), pintada por Pierre-Joseph Redouté (1759-1840), um pintor e botânico que ganhou fama pelas aquarelas de flores cultivadas em Malmaison. (CALLMANDER, 2017).

³⁶ La Décade. Philosophique, Littéraire et Politique, 1802. An XI de la République Française, 1º Trimestre, 30 vendémiaire. pp.: 136-138.

³⁷ É o caso, por exemplo, do naturalista e geógrafo francês Jean-Baptiste G. M. Bory de St. Vicent. Na obra “*Voyage dans les quatre principales Iles des Mers D’Afrique, fait par ordre du gouvernement, pendant les années neuf et dix de la République (1801-802)*”, Bory relata que a aiapana veio do Brasil como uma panaceia, portanto, sendo usada contra todo tipo de doenças, principalmente contra picadas de cobras venenosas. Aduz que a planta não era conhecida dos botânicos europeus e que o químico Louis-Marie Aubert Petit-Thouars tratou dela sob o nome de *eupatorium ayapana* em um livro de memórias registrado na *Société des Sciences et Arts de l’Ile-de-France*. Desde então, o diretor do *Jardin de Pamplémousses*, Jean Nicolas de Cère, nas ilhas Maurício, deu uma descrição à sua maneira ao “*Jornal du Port-nord-ouest*. Contudo, segue contando que ele e seus companheiros de viagem sentiram um mal-estar, dores na barriga, desintéria e vontade de vomitar, experimentaram a famosa planta, mas de nada adiantou. Bory de St. Vicent. *Voyage dans les quatre principales îles des mers d’Afrique* (1801-1802). Tomo II, ano X. Imprimeur-Libraire, n.20, 1804, p.108-112.

³⁸ VENTENAT, Étienne-Pierre. *Jardin de la Malmaison*. Paris: De l’Imprimerie Crapellet, 1803. Disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/item/139922#page/23/mode/1up>, acesso em 01 de junho de 2020.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

Figura 2 - VENTENAT, E.P. *Jardin de la Malmaison. Paris, De l'Imprimerie Crapellet, 1803.* Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/139922#page/23/mode/1up>. Acesso em 01 de junho de 2020.



Apesar da efervescência de relatos sobre a ayapana do Pará, Russel-Wood aponta que foi somente no início do século XIX que o secretário de Estado em Queluz teve notícia de um memorial sobre a planta chamada aya-pana, ou “herva milagrosa”, natural da Pará e aclimatada na Bahia (RUSSEL-WOOD, 2001). A correspondência trocada entre Vandelli e D. Rodrigo analisada anteriormente trata justamente disso, ao que parece, ao chegar em Lisboa a planta nativa da capitania Grão-Pará, enviada por Alexandre Rodrigues Ferreira, não teve o devido tratamento de catalogação e publicação, o que não foi uma exceção nas remessas feitas pelo naturalista baiano e ocorreu com outros naturalistas (EVA; GARCIA, 2015). Em 02 de dezembro de 1801, Vandelli informa a R. Coutinho que nada recebeu da remessa “que V.Ex^a. acusa em seu respeitável aviso... ter mandado remeter para o Real Museu, pertencente a remessa do naturalista João da Silva Feijó...”³⁹

Vale frisar que, excetuando o desconhecimento da remessa feita por Alexandre R. Ferreira na década de 1780, Portugal não esteve alheio a circulação da aiapana nos meios científicos europeus. Isso porque, ainda em 1804, o botânico e preparador de História natural Friedrich Wilhelm Sieber escreveu do Grão-Pará para o conde Von Hoffmanssegg confirmando os poderes de cura da planta, afirmando que é digna da atenção dos médicos, e para reforçar tal questão, aduz que daquela região já foram obtidas outras plantas fundamentais para a medicina, como a ipecacuanha e a quassia (quina)⁴⁰:

Quase um século depois de ela ter saído do interior do sertão, junto com a índia e o cabo de canoa, ter circulada em Lisboa, Alemanha, Paris e o outras regiões, do interior da capitania do Pará (Curuçá, Vigia, Óbidos, Melgaço) o médico Francisco da Silva Castro afirma que se usa a aiapana “contra veneno, de

³⁹ Domingos Vandelli. Carta a Rodrigo de Souza Coutinho informando não ter recebido a remessa do naturalista João da Silva Feijó para o Real Museu, em 20 de dezembro de 1801. Biblioteca digital luso-brasileira-Brasileira. Disponível em: <http://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/273655>. Acesso em 14 de agosto de 2020.

⁴⁰ Natural History. *Philosophical magazine*, ser. 1, vol. XXI-XXII, p.91-93, 1805.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

sudorífico e com a propriedade de adelgaçar o sangue se torna muito útil nas mordeduras dos reptéis...”⁴¹, as mesmas características que foram descritas pela Índia, por Alexandre Rodrigues Ferreira, e por diversos jornais científicos mundo afora nos finais do século XVIII e início do XIX.

Em todos eles, a história inicial da aiapana é omitida conforme vai alcançando instâncias de legitimação. Isso começa logo no relato de Ferreira, mesmo apontando a participação de sujeitos locais na história da planta, o destaque vai para a participação de Matias José Ribeiro, já que a erva também era chamada de “erva do ouvidor”. Quando chega em Lisboa, a correspondência entre Vandelli e D. Rodrigo já trata da descoberta feita pelo naturalista, aqui já não se fala mais da Índia e assim por diante. O conhecimento indígena foi apropriado, misturado a novas camadas de informação e legitimado nos circuitos científicos europeus.

Além de ter se tornado item da medicina popular no Brasil, de ter sido relatada em jornais locais e europeus que mostravam suas virtudes, o *Eupatorium ayapana* Vent., *Eupatorium triplinerve* (Vahl.), *Ayapana officinalis* Spach, *Ayapana triplinervis* (Vahl) R.M.King & H.Rob ou a erva de cobra, Ayapana, aiapana, japana branca, japana roxa, atualmente continua sendo estudada. Os benefícios relatados no século XVIII têm sido confirmados e outros analisados, além de servir na indústria da perfumaria e cosméticos. (CÔRREA, 2007; NERY; et.al; 2014)

Em razão de suas funções e propriedades medicinais o caso da aiapana é um dos exemplos que apontam a circulação de conhecimento e dos próprios gêneros amazônicos/nativos no final do século XVIII e início do XIX. A erva nos permitiu mostrar como se deu o processo de difusão do conhecimento por meio de uma rede local de circulação de saberes – e a participação de indígenas na construção do conhecimento – que foi cada vez mais se tornando global através de publicações em revistas científicas europeias.

OS “INVISÍVEIS” DA CIÊNCIA – POVOS INDÍGENAS, CIRCULAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO DA ERVA AIAPANA

Se por um lado, o processo no qual as plantas medicinais indígenas serem apropriadas pelos colonizadores foi relativamente comum, por outro, poder analisar com riqueza de detalhes esse processo é fortuito e emblemático, pois a forma como o conhecimento indígena sobre a aiapana foi apropriado é bem documentada e a narrativa do naturalista Alexandre R. Ferreira sobre essa apropriação pôde ser desconstruída.

Como foi feito nesse trabalho, acompanhamos parte do trânsito da aiapana nas mãos do cabo de canoa, do ouvidor, do médico e do naturalista, depois inserida em trânsitos internacionais em um percurso que se operou a apropriação e a tradução de conhecimentos locais e globais, mas não foi possível, por exemplo, identificar a etnia da mulher que forneceu a planta, embora Ferreira tenha destacado como ela burlou as regras de seu povo para que mantivesse o conhecimento sobre a planta em segredo. (PRATT, 1992; BRAVO, 1996)

Christopher Parsons (2017), analisa muito bem esse processo de apropriação e posterior elisão do saber local. O autor afirma que a experiência do contato com povos indígenas permitiu a diversos sujeitos coloniais

⁴¹ Jornal *Treze de Maio*, n. 514, 14 de julho de 1855. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/treze-maio/700002>, acesso em 10 de agosto de 2020.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

aprender sobre a fauna, a flora e todo um universo nativo e utilizar desse conhecimento. Mesmo que esse contato tenha sido marcado por uma invisibilidade das trocas, isto é, a participação dos sujeitos nativos é geralmente omitida, Parsons aponta que a ciência colonial não prescindiu dos conhecimentos dos índios, sendo fundamental na produção do conhecimento acerca da flora americana.

Por mais que os saberes nativos sejam omitidos conforme o conhecimento sobre a erva vai alcançando instâncias de legitimação, é possível incluir os povos indígenas e seus saberes na história do conhecimento científico ocidental ao considerarmos a ideia de circulação do conhecimento como trânsito dinâmico, que caminha entre agentes diversos e vai se reconfigurando nos laboratórios ao ar livre.

Neste artigo predominou a análise sobre os conhecimentos indígenas sendo integrados ao que se considerava, na época, um conhecimento científico, que ao ser posto em trânsito pela anônima índia – por meio da entrega da planta para o cabo de canoa Álvaro de Sanches Brito, seguido dos seus segredos ou suas poderosas virtudes – tomou rumos globais, sendo cada vez mais “testado”, ou como disse o próprio Alexandre Rodrigues, sendo objeto de “experiências” conforme os recursos dos locais onde a aiapana chegava.

Considero que a abordagem realizada aqui – a análise desse trânsito, ou melhor, essa apropriação, foi comum – entretanto, pelos detalhes apresentados, e por termos conseguido acompanhar a erva em diversas instâncias, foi possível mostrar uma das formas que os povos indígenas estavam envolvidos nessas empreitadas de exploração do mundo natural.

É necessário repensarmos o lugar dos povos indígenas na história do conhecimento científico, ou ainda, reinterpretar a forma como tem sido analisada a produção do conhecimento e incluir outros atores “invisíveis” ou anônimos (DOMINGUES; ALVES-MELO, 2021). É preciso investigações buscando fontes inéditas ou já conhecidas, e analisá-las – a partir de novas epistemologias, estratégias que possam lidar com fontes com vieses etnocêntricos, além de uma abordagem entre contextos locais e sistemas de trocas que estavam em movimento afim de buscar práticas que demonstrem a capacidade desses povos em codificar, disseminar e adaptar conhecimentos em diferentes contextos (SAFIER, 2010).

A história indígena já tem demonstrado que, mesmo em um ambiente hostil, de contínua expropriação e escravização, os povos indígenas foram capazes de reinventar suas práticas, adaptando-se, transformando-se e dando novos significados às ações da sociedade colonial aos longos dos séculos. Aliar isso à História Social das Ciências é um caminho profícuo para mostrar que os povos indígenas foram agentes importantes na produção e circulação do conhecimento, reformulando seus papéis na história das Ciências e, finalmente, incluindo-as como agentes constitutivos de redes internacionais de circulação do saber/conhecimento.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Danielle S. de. *O trato das plantas: os intermediários da cura e do comércio de drogas na América Portuguesa, 1750-1808*. 382f. 2017. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

ALPHONSE, Marondon C. *Contribution to the study of Eupatorium ayapana Ventenat of Reunion Island.* (french). 118f. 2011. These (Docteur en Pharmacie). UFR Des Sciences Pharmaceutiques et Biologiques. Faculté de Pharmacie de Montpellier, 2011.

BEER, Gillian. Travelling the other way. In: Jardine, N.; Secord, J. A.; Spary, E.C. (Eds.). *Cultures of Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BRAVO, Michael T. Ethnological encounters. In: Jardine, N.; Secord, J. A.; Spary, E.C. (Eds.). *Cultures of Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 338-356, 1996.

BRIGOLA, João Carlos Pires. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII: museu, viagem e história natural -expedições científicas ao Brasil e a África*. Lisboa: Novas edições acadêmicas, 2019

CALAINHO, Daniela. B. Jesuítas e medicina no Brasil Colonial. *Tempo*, 19: 61-75, 2005.

CALLMANDER, Martin (Et.al.), Etienne-Pierre Ventenat (1757-1808) and the Gardens of Cels and Empress Joséphine. *Candollea*, 72, no. 1, p. 87-132, 2017.

CORRÊA, M.P. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 1984.

DANIEL, João. *Tesouro Descoberto no máximo Amazonas*. V.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p.500.

DOMINGUES, Ângela; ALVES-MELO, Patrícia. Iluminismo no mundo luso-brasileiro: um olhar sobre a Viagem Filosófica à Amazônia, 1783-1792. *Ler História*, n. 78, p. 157-178, 2021.

EVA, Margarita; GARCIA, Rodrigues. Lejos del gabinete: viajes científicas à América portuguesa e espanhola (1777-1792) e representação da natureza. *Memorias: Revista digital de História y Arqueologia desde el Caribe colombiano*. Año 11, n.25. Barranquilla, enero – abril, 2015.

GURGEL, C. *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo: Contexto, 2010.

LEITÃO-BARBOZA, Myrian Sá et al. Open air laboratories: Amazonian home gardens as sites of experimentation, collaboration, and negotiation across time. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 62, 2021.

LINNÉ, Carl. Species Plantarum, exhibentes plantas rite cognitae, ad genera relatas, cum differentiis specificis, nominibus trivialibus, synonymis selectis, locis natalibus, secundum systema sexuale digestas. *Verbesina*, p. 902, 1753.

MARTINS, Roberta Sauaia. “Do sarampo as periniciosíssimas bexigas”: epidemias no Grão Pará setecentista. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

MELO, Ademar Soares. *Avaliação neurocomportamental, antinociceptiva e antioxidante do extrato hidroalcoólico de Eupatorium ayapana Vent (Asteraceae)*. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas, Belém, 2012.

NERY, M.I.S.*; POTIGUARA, R.C.V.; KIKUCHI, T.Y.S.; GARCIA, T.B.; LINS, A.L.F.A. Morfoanatomia do eixo vegetativo aéreo de Ayapana triplinervis (Vahl) R.M. King & H. Rob. (Asteraceae) *Rev. Bras. Pl. Med.*, Campinas, v.16, n.1, p.62-70, 2014.

Saberes em movimento: A Ayapana, erva indígena de circulação global

PAES, Lucilene da Silva. *Aspectos estruturais de Costus spicatus (Jacq.)Sw.(pobrevelho), Stachytarpheta cayennensis (Rich)Vahl(gervão), Ayapana triplinervis (M.Vahl)R.M King &H.Rob.(japana) numa perspectiva micológica e fitoquímica*. 2011. 122 f. Tese (Doutorado em Agronomia Tropical) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

PARSONS, Christopher. "Plants and Peoples: French and Indigenous Botanical Knowledges in Colonial North America, 1600-1760". PhD diss., University of Toronto, 2011; COOPER, Alix. *Inventing the Indigenous: Local Knowledge and Natural History in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PATACA, Ermelinda. *Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)*. 698f. 2006. Tese (Doutorado em Geociências). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2006.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge, 1992.

RAJ, Kapil. Beyond postcolonialism... and postpositivism: circulation and the global history of science. *Isis*, v. 104, n. 2, p. 337-347, 2013.

RAJ, Kapil. Circulation and the emergence of modern mapping: Great Britain and early colonial India, 1764–1820. In: *Relocating Modern Science*. Palgrave Macmillan, London, p. 60-94, 2007.

RAJ, Kapil. Conexões, Cruzamentos, Circulações. A passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. Trad. Catarina M. Santos. *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 24, p. 155-179, 2007.

RUSSEL-WOOD, A.J. A dinâmica da presença brasileira no índico e no Oriente. Séculos XVI-XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, pp.9-40, set. 2001.

SAFIER, N. Global Knowledge on the Move: Itineraries, Amerindian Narratives, and Deep Histories of Science, *Isis*, 101, n. 1, 2010.

SANJAD, Nelson; PATACA, Ermelinda; SANTOS, Rafael Rogério Nascimento dos. "Knowledge and Circulation of Plants: Unveiling the Participation of Amazonian Indigenous Peoples in the Construction of Eighteenth and Nineteenth Century Botany" *HoST - Journal of History of Science and Technology*, vol.15, no.1, pp.11-38, 2021.

SECORD, James A. "Knowledge in Transit." *Isis*, vol. 95, no. 4, The University of Chicago Press, The History of Science Society, pp. 654–72, 2004.

VALE, Sthepanie L. do. *Adequar e não inovar: Implementação da justiça na Capitania de São José do Rio Negro*. 205f. 2015. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

WARREN, Dean. A Botânica e a Política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial. *Estudos Históricos*, vol. 4, n.8, 1991.

Texto recebido em: 20/12/2022

Texto aprovado em: 15/12/2023